

Gisele,

Antes de você saber falar o próprio nome,
seu corpo já tinha descoberto um idioma secreto.

Era o idioma da pele com o chão.

Da música com o sangue.

Da alma com o movimento.

Enquanto o mundo te pedia explicações,

você respondia com passos.

Mesmo sem ver direito,

mesmo tropeçando em vultos,

você dançava com uma precisão que ninguém ensinou.

Porque você nasceu com um dom que assusta os acomodados:

o dom de sentir demais.

E sentir demais — nesse mundo que prefere a indiferença — é um ato de resistência.

Mas você não resistiu...

Você entregou.

Tudo.

Sempre.

Você dançou até o corpo pedir pausa.

E quando ele pediu,

você não parou — você transformou.

Foi da sapatilha ao microfone,

do jazz à reportagem,

do figurino ao improviso,

do axé das ruas ao silêncio do ao vivo.

E foi nessa travessia que você descobriu que arte não tem uma casa só.

Que você não precisava escolher entre dançar ou falar.

Você podia fazer tudo —

e fez.

Com fome.

Com verdade.

Com fé.

Você viveu muitas vidas em uma só.

E em nenhuma delas foi pela metade.

Foi dançarina, atriz, repórter, apresentadora, estudante, sonhadora, exausta, firme.

Fez mudança, fez dublagem, fez mala, fez personagem,

fez roteiro, fez bagunça, fez estrada,

fez história.

Mas mesmo com tudo isso...

a cena mais definitiva ainda viria:

a da mulher que se transforma em mãe.

Porque foi com a chegada da Pietra que o compasso mudou.

O mundo antes era ritmo.

Agora, era presença.

Você aprendeu a desacelerar sem desistir.

Aprendeu que ser intensa não exige pressa.

Que ser forte não é não cansar —

é seguir mesmo cansada.

E ali, com a filha nos braços,

você virou casa.

Virou tempo.

Virou raiz.

Não a raiz que prende,

mas a que sustenta.

E mesmo quando a vida tirou o cenário ideal,

você criou outro.

Mesmo quando o sonho mudou de endereço,

você achou novas portas.

Você voltou.

Como mãe, como mulher, como profissional,

mas agora com outro olhar.

Olhar que escuta.

Olhar que acolhe.

Olhar que não precisa provar mais nada —

porque já se sabe inteira.

Hoje você apresenta, comunica, entrevista, ilumina.

Mas ninguém vê a parte que vem antes das câmeras:

as afirmações ditas em voz baixa às 5h da manhã,

a escolha do look, o cuidado com a pauta, o beijo na filha,

o corpo que se move porque precisa

e a mente que insiste em continuar sonhando.

Você é dessas que fazem muito.

Mas o que te define não é a quantidade —

é a intensidade com que vive cada coisa.

Você inspira, não porque tenta.

Mas porque simplesmente é.

É quem um dia ouviu que precisava escolher.

E escolheu não escolher.

Escolheu viver todas as suas versões.

E ainda vai viver muitas outras.

Vai fazer programa de auditório, vai dar palestra pra mulheres,

vai dançar num casamento com pé na areia,

vai fazer vilã de novela e mocinha na vida real.

E se um dia, por acaso, o mundo for barulhento demais,

e você esquecer quem é por um segundo só...

volta pra esse texto.

Não porque ele te define.

Mas porque ele te reconhece.

Você é Gisele.

E o seu nome tem o som exato de quem dança,

mesmo quando está parada.

Tem o som de quem chegou num mundo que não estava pronto —

mas que já não consegue mais imaginar sem você.

Feliz Aniversário!!



PRESENTE
em palavras